

APROFUNDAMENTO DA FICHA 3

3. Não um preceito, mas uma Presença para olhar

Segunda pergunta e resposta da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Colegiais

Um ano especial. Depois, de repente, a tragédia. Mas ela se viu vivendo-a “com uma
le
Segunda pergunta e resposta da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Colegiais

Quando me enviaram a pergunta que precisava trabalhar para a Equipe, logo pensei que não podia deixar de contar o que me aconteceu este verão. Durante todo o mês de julho, fui fazer umas férias de estudo em Dublin com três amigas para aprender inglês. Antes de partir, não tinha ideia de que é que eu ia encontrar. Estava muito assustada com essa nova aventura, porque não conhecia muito bem as amigas com quem viajei. Os primeiros dias, de fato, foram terríveis. Não gostava da família que me hospedou e me senti realmente muito sozinha. Já não via a hora de voltar para casa e encontrar os amigos, o namorado e a família, e meu único pensamento estava voltado ao que estava perdendo na minha cidade. A realidade, porém, era outra, e nessa altura do campeonato eu tinha de ficar lá, por isso tudo o que podia fazer era confiar-me a Outro e aceitar o que me era dado. Eu, na verdade, não sabia muito bem como fazer. Confiar-se é muito mais simples de dizer do que de fazer. Mas esse mês também me serviu muito para entender isto.

Julián Carrón. *Viram só? Esse mês também serviu para entender, porque não se entende virando a cabeça para outro lado, mas atravessando as circunstâncias.*

De fato, tudo mudou quando percebi que eu, na verdade, não devia fazer absolutamente nada a não ser eu mesma diante de tudo o que encontrava. O resultado foi muito bonito mesmo. Quando encontra pessoas de outros países que têm uma vida, pensamentos, uma religião diferente da sua, você fica obrigado a se confrontar com eles, a ter um diálogo. E a partir do momento em que me punha em confronto com essas pessoas, elas percebiam que em mim havia algo diferente que as interessava. Sem que eu fizesse nada de particular, as pessoas notavam em mim algo de verdadeiro e de interessante para seguir. Um exemplo disto é uma linda amizade que nasceu com alguns garotos turcos que estavam na minha classe. A princípio eles não falavam com ninguém, eram muito fechados e quase davam medo às outras pessoas. Um dia meu professor me mandou fazer o speaking com esses dois garotos; a princípio eu não sabia o que fazer, porque não queria falar comigo. Assim decidi lançar-me e comecei a lhes contar tudo o que tinha feito no dia anterior. Falei por cerca de dez minutos sem parar, quando me escapou que, como tinha passado o domingo, eu tinha ido à missa. Aqueles dois garotos turcos, muçulmanos, de repente levantaram a cabeça e começaram a fazer muitíssimas perguntas sobre a minha religião. Eu não pensava no que estava acontecendo, mas dessa conversa com eles nasceu uma belíssima amizade. Eles se abriram enormemente comigo e depois também com toda a classe. Muitas vezes conversávamos e nos confrontávamos sobre a nossa religião. Um dia, falando disso mesmo, me fizeram notar uma coisa que me marcou muito. Durante a aula, Omar, um deles, me perguntou desde quando eu era cristã; sem nem pensar, respondi que sou cristã desde o »

^{*} Anotações da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Colegiais, Cervínia, 3 de setembro de 2016.

» berço, mesmo tendo feito o encontro com Cristo graças à companhia dos Colegiais quando comecei o Ensino Médio. Aqueles dois garotos ficaram surpreendidos com o que eu lhes estava dizendo e com os olhos escancarados me olharam e disseram: “Viu só? É justamente isso que nos falta: um encontro verdadeiro, porque a nossa religião muitas vezes é imposta a nós, enquanto dá para ver que você a tem viva dentro de si”. Quem diria? Dois turcos que me fazem lembrar o que eu tinha encontrado, que me fazem perceber ainda mais o que eu tinha. Todo o resto do mês foi cheio de encontros com pessoas que, olhando para mim, ficavam impressionadas com minha maneira de ficar diante das circunstâncias. Outro exemplo muito bonito é a amizade nascida com um garoto siciliano. Depois de três dias que nos conhecemos, ele veio me falar dizendo estas palavras: “Sabe, eu percebo que na vida há uma grande diferença entre as pessoas que existem e as pessoas que vivem, e você tem olhos que vivem. Diga-me como faz. Eu preciso aprender a viver”. Falando com ele, percebi como tínhamos o mesmo desejo de ficar bem, a mesma necessidade de ser felizes. Durante esse mês me dei conta da importância da Escola de Comunidade. De fato, mesmo estando em outra cidade, com amigas diferentes que não são do meu grupo, tivemos a necessidade de continuar a fazê-la, mesmo sendo apenas quatro. Um dia também convidei para a Escola de Comunidade aquele menino siciliano, que a princípio recusou. Na metade do gesto ele entrou na sala onde estávamos, perguntando se poderia escutar um pouco. No momento em que entrou, eu estava contando do quanto me sentia amada naquele momento, de um amor tão grande que definia o meu ficar perante as coisas. No fim da Escola de Comunidade, o siciliano veio falar conosco com toda a sua necessidade e perguntou: “Vocês realmente se sentem amadas? Porque eu quero me sentir assim. Quero ficar bem como vocês”. Estes são exemplos banais que marcaram todo o meu mês em Dublin. Ganhei um presente depois do outro. Cada dia havia algo ou alguém que mi fazia perceber sempre mais a grandeza que encontrei. Cada dia para mim era sempre mais uma confirmação. Muito simplesmente, lembro que um professor, na metade da aula, um dia olhou para mim e me perguntou como eu fazia para estar sempre feliz na aula. Nunca tinha tido um aluno tão sorridente e viu que meu sorriso tinha mudado toda a classe. No último dia, quando veio se despedir, disse-me que se lembrará do meu sorriso por muito tempo. Outro professor, sendo uma figura meio estranha, gostava muito de nos fazer falar na aula sobre temas muito difíceis, como a religião, os gays ou o gênero; muitas vezes me achei sozinha na sala a defender minhas opiniões e aquilo em que acreditava. Esse professor era sempre o primeiro que se opunha a mim e tentava de todas as formas me provocar e me fazer perguntas às quais eu não conseguiria encontrar respostas. Em todas essas conversas eu tentava não ir contra ninguém, mas simplesmente ser verdadeira com o que pensava e com o que encontrei. Também esse professor, no último dia, veio até mim agradecendo-me e dizendo-me que não é que tinha mudado de ideia, mas que nunca tinha encontrado uma garota que fosse tão verdadeira diante das coisas em que acredita. Um dia uma menina que tínhamos encontrado veio falar comigo agradecendo-me por eu lhe ter ensinado um olhar que se pode ter diante das outras pessoas. A coisa mais bonita é que tudo isto que aconteceu durante esse mês não acabou, mas ainda dura. Todo dia os amigos turcos me pedem para lhes escrever porque precisam dessa amizade. Quando voltamos, de vez em quando, o garoto siciliano me escrevia que não sabia como fazer, pois na sua cidade não havia pessoas como nós que o ajudassem a levar a sério todas as suas perguntas. Depois, na verdade, há poucos dias me escreveu uma linda mensagem, dizendo-me que se tornou cristão. Uma garota veio me agradecer e agora vai conosco às férias de verão. Mas tudo isto aconteceu não só com as pessoas que encontrei em Dublin, mas também com todos os que tinha deixado em Rimini. Quando voltei, também tinha mudada a maneira de ficar diante de meus pais, do namorado e dos amigos, e para mim foi mais ainda uma confirmação. Quando você está em outra cidade, percebe que verá as pessoas que estão na sua frente por um mês de sua vida, então

você fica obrigado a se perguntar o que quer ser, enquanto às vezes, quando está na sua cidade, corre o risco de ser esmagado pelos hábitos. Na verdade, para mim não foi assim, porque quando voltei tinha em mim uma consciência diferente. Eu me dei conta de que o encontro com Cristo me tomou toda. Posso até não pensar nisso, posso cair em todos os pecados humanos, queixar-me de que as coisas não estão como eu quero, mas esse encontro já definiu tudo: a mim mesma, à minha vida, ao meu modo de ficar diante das coisas. Esse Amigo já não me abandona, cabe a mim reconhecê-Lo. Retomando a pergunta que nos foi feita para a Equipe: eu me dei conta de ter encontrado esse Amigo por todo o verão nos amigos que foram colocados ao meu lado, tanto em Dublin como em Rímíni, não fui abandonada nem um segundo. E isto porque nas pessoas que encontrava estava o reflexo do que eu encontrei.

Então o que você aprendeu com isso? O que a fez pensar desse Amigo? O que você aprendeu com a pergunta que fizeram sobre “um amigo à altura do desejo”? Tudo isso que você encontrou lhe fez entender o quê?

Fez entender que muitas vezes eu crio para mim grandes paranoias.

Perfeito. Paranoias! Subscruva: paranoias! Fazemos das paranoias uma realidade e depois vamos atrás das paranoias como se fossem realidade; porém são apenas paranoias!

Na verdade, no fim não preciso criar todas essas paranoias, porque o que encontrei é realmente muito maior e, como dizíamos antes, eu já fui conquistada por Ele.

Sim, mas nesse verão todo você não encontrou nem mesmo um que se encaixe no conceito de “amigo” que muitas vezes nós temos. Muitos poderiam ter passado o mês inteiro em Dublin se lamentando porque não estavam os amigos de suas cidades. Mas o que você descobriu no que nos contou?

Descobri que antes de tudo o amigo estava dentro de mim.

Ou seja?

Quer dizer que eu é que o tinha.

Que você o tinha! Que quer dizer que você o tinha? É uma imaginação sua?

Não.

Que quer dizer que você o tinha? Onde estava?

Em mim mesma.

“Em mim mesma”. Você tem de explicar bem, pois não sei se entendeu.

Saía de mim no momento em que...

“Saía de mim”. Você o inventava, o criava, o gerava?

Não. Era um fato.

Explique-me melhor como isso ocorre.

Simplesmente, no amigo que lhe diz: “Você tem olhos que vivem, nesses olhos...

Nesses olhos?

... há algo”.

E como é que você produziu esses olhos?

Por um encontro com Cristo.

Não vamos perder o fio de como aconteceram as coisas. Onde você viu Cristo? O que produziu esses olhos que você vê em si mesma?

Um amor que senti...

Um amor?! Se disserem essas coisas em público, as pessoas vão pensar que vocês perderam a cabeça. Se disserem a mim, até passa, mas se disserem a outro lhes responderia: “Isso me confirma que não vale a pena ser cristão”. Por isso, explique bem o que lhe aconteceu, sem se afastar nem um milímetro da experiência feita. Conte-me como alcançou aquele olhar. Porque é disso que vocês não se dão conta. Que caminho fez para identificar esse

olhar em si mesma agora? Porque é verdade o que você diz, que tem o olhar em si mesma, que está dentro de você, mas como chegou dentro de você? Você o tinha por natureza? Já estava em você by default? E por que todos os outros não o têm? Se estivesse presente por natureza, os turcos, o siciliano, o professor, todos aqueles de quem você falou deveriam tê-lo como você, mas eles nem sequer sonham. Então, como chegou a você? Você teve alguma visão?

Não, não.

Alguma aparição?

Não.

O que aconteceu?

Eu tenho em mente alguns rostos de amigos e de adultos...

Antes de tê-los em mente, o que teve de acontecer? Na origem não os tinha em mente, não sabia nem sequer que existiam. Vocês pulam todas as passagens. Antes você sabia que esse olhar existia, o conhecia desde o nascimento?

Não.

Nem tendo sido educada – você disse antes –, porque vocês não se dão conta do que dizem. Qual é a diferença que o garoto turco observou em você? É algo que ele não tem e que você, pelo contrário, teve. Você acabou de dizer. Que palavra usou? Uma palavra!

Um encontro.

Perfeito! E um encontro com o quê? Com uma imaginação? Com um sentimento? Com o amor que tinha asas? O que era? Um rol de leis? Algum manual de instruções qualquer? O que era? Um encontro com uma carne, com rostos, com homens nos quais você surpreendeu esse olhar. Tanto é verdade, que o turco identifica muito mais que você a dimensão do encontro, porque ele se dá conta da questão: “Qual é a grande diferença entre mim e você? Que eu sempre estive dentro de um costume”, ele dizia: algo estabelecido, o que é pior; “mas o que falta na minha religião é um encontro”. Primeiro passo. E o que ocorreu depois? Você deparou com um olhar diferente; mal aconteceu, te investiu e você o percebe em si mesma. E o que aconteceu após o encontro?

Que esse olhar definiu minha maneira de ficar diante das coisas.

Como? Magicamente?

Não, não.

Houve um flash e então ficou tudo certo?

Não, a consciência...

Não! Digam-me tudo, porque vocês dão tudo por óbvio, e depois dizem: “Um amor”. Não faça isto para fazê-la perder tempo, uma vez que você já sabe, mas porque quando lhe faço uma pergunta você me fala do amor abstratamente. Entende? Em vez de me falar do encontro com rostos concretos, com pessoas nas quais encontrou esse olhar, etc., etc. Mas como se tornou seu?

Meu olhar ficou assim.

Como se tornou seu? Já no primeiro dia...

Vivo.

Você seguiu aquelas pessoas.

Sim.

E, num dado momento, você se surpreendeu por ter esse olhar do qual não estava consciente. Foram os outros, fora de você, que a fizeram entender a diversidade que carrega. Então quem foram os amigos neste verão? Os que você tinha deixado em Rímíni, ou os que estavam na sua frente em Dublin e que a tornaram consciente daquilo que as pessoas da sua cidade lhe deram?

Os que me deram essa consciência.

E onde estavam os da sua cidade, se não estavam lá com você? Por que os que você encontrou em Dublin souberam que lhe tinha acontecido algo? Porque o olhar deles estava dentro de você. Você dizia: “eu” com um “nós” dentro. Por quê? Porque o “nós” já tinha se tornado seu, já tinha se tornado um olhar seu, já tinha se tornado a sua diversidade, já tinha se tornado a sua forma diferente de estar presente, o seu sorriso, o seu olhar, o seu ser você mesma, segundo tudo o que disse antes. O nós tinha virado a definição de você, do seu eu. Não precisava ter ao seu lado um de seus amigos, porque estava dentro de você, seus amigos estavam dentro de você, nós estávamos dentro de você, estávamos em Dublin com você. E você se dava conta disto porque os outros se surpreendiam com você: “Por que é que você é assim? Por que vive assim e não apenas existe?”, para usar as palavras que você usou. Quem a faz viver assim? Quem a faz viver assim?! Então, em tudo isso você disse, usou uma palavra: a que serviu todo este verão para o seu caminho? Que palavra usou? O que significou tudo isso que nos contou? Você disse com uma palavra!

Uma confirmação.

“Uma confirmação”. Uma confirmação. Sem ter ido a Dublin, sem ter cruzado com todos eles, sem ter encontrado toda aquela diversidade de pessoas – ninguém pensava como você –, você não teria se dado conta da diversidade que carrega, da novidade que o encontro feito produz na vida, e então você não estaria tão certa como está agora. Se alguém se poupasse, pensando: “Não, estou com medo, não vou”, não teria essa confirmação. Então, quando o Papa Francisco diz que nos convém sair, não está dando instruções aos melhores para irem fazer missão; não, ele nos convida a sair para vermos a confirmação em nós, na nossa experiência, do que se passou conosco. Porque se a pessoa não sair da sua casinha não terá a confirmação que você teve. Se você tivesse dito: “Não é possível, sem meus amigos não posso ir a nenhum lugar”, você não teria tido essa confirmação. Certo? Então fazer isto é um de mais ou um de menos?

É um de mais.

E isto não quer dizer que você deve ir sempre sozinha, porque tem os amigos dentro de si. E se dá conta do que são para você, do que quer dizer pertencer a Cristo na comunidade cristã, justamente por essa experiência feita: você pode ir até o fim do mundo. Como aconteceu com os discípulos: não ficaram fechados no cenáculo; no começo sim, antes de serem invadidos pelo Espírito Santo ficaram todos amedrontados, sozinhos, cheios de medo do que havia fora, mas depois foi uma explosão: foram pelo mundo, não ficaram lambendo as feridas dizendo: “Somos uns coitados, Cristo foi embora, estamos aqui sozinhos”. Ele já tinha entrado dentro deles até a medula, e por isso foram pelo mundo, não só para dizer o que tinham visto, mas também para viver. A missão não é algo agregado à vida, algo que “devo” fazer. Sem nem sequer pôr-se o propósito, você faz missão vivendo a sua vida. E a primeira para quem serve agir assim é você. Imagine se todas as coisas que vivemos, se todos os desafios da vida que temos de enfrentar fossem para essa confirmação. É esta a beleza da situação atual, pessoal: estamos num mundo plural; mal saímos de casa, nos achamos neste mundo global onde cada um pensa diferentemente. Ainda bem, porque finalmente podemos ser cristãos “livremente”, sem que deva haver condições particulares; não temos outra condição senão o que se passou conosco. Como aconteceu aos primeiros que O encontraram: todo o império Romano era diferente, havia o Panteão com todas as religiões, e será que isto os assustou? Pelo contrário: foram mostrar, no viver, a diversidade que eram, que carregaram dentro de si. E todos, como você, se davam conta. Não é porque fossem grandiosos, porque fossem importantes, porque ocupassem um dado posto na administração, não sei que grau na administração romana, pois aquela diversidade passava por meio dos escravos,

dos mercantes, dos soldados, da gente normal como você, que vai estudar inglês. E nunca como no início a Igreja foi tão missionária. O problema é quando “temos de” fazer a missão, pois isto quer dizer que tem de haver algum “especialista” da missão. Não. A missão é de todos a quem aconteceu encontrar Cristo. No dia em que “tivermos de” fazê-la, quer dizer que perdemos algo no caminho. Você não fez um curso para a missão tendo de ir estudar inglês, você foi missionária porque isso pertence ao seu DNA de cristã, devido ao encontro que fez. E todas as palavras adquirem um significado diferente. Isto é fascinante primeiramente para nós, imagine para os outros, que de fato não podem deixar de desejar ficar em contato conosco depois de nos ter encontrado. Imaginem, depois de um verão como esse que a nossa amiga passou, o que seria toda a vida vivida assim! Vocês decidem, pessoal! Se tiverem algo mais interessante para fazer, vão! Quando ficarem cansados podem voltar, e nós ainda estaremos aqui – ela e eu, pelo menos – vivendo isto. Deixamos a casa aberta para vocês. Obrigado.